

Ser-motricio e as realidades ambitais

Sérgio Oliveira dos Santos¹

Resumo: Este artigo analisará algumas possibilidades fenomenológico/hermenêuticas de aproximação e transposição da matriz compreensiva do *ser-motricio* situado com as “realidades ambitais”, entre outros fundamentos da proposta filosófica de Alfonso López Quintás (ALQ). Com esse entrelaçamento, acreditamos ser possível uma expansão compreensiva bidirecional, tanto para o fenômeno do *ser-motricio* como para o conceito de âmbitos.

Palavras Chave: Motricidade humana; *Ser-motricio*; Realidades ambitais; Educação.

Abstract: This article will analyze some phenomenological/hermeneutical possibilities of approximation and transposition of the comprehensive pattern of “*ser-motricio*” in “*ambital*” reality, among other foundations of the philosophical proposal of Alfonso López Quintás (ALQ). With this connection, we believe that a comprehensive bidirectional expansion is possible, both for the phenomenon of “*ser-motricio*” and for the concept of “*âmbito*”.

Keywords: Human motricity; “*Ser-motricio*”; “*ambital*” reality; Education.

Introdução

Neste artigo vamos aprofundar a temática do *ser-motricio*² situado a partir da seguinte pergunta: como acessar um fenômeno que entrelaça múltiplas realidades especialmente dinâmicas, nem sempre “tangíveis”, como é o fenômeno do *ser-motricio*?

Para responder a essa questão, adotamos uma aproximação com o pensamento de Alfonso López Quintás (2016, p. 29), que diz:

Um homem, por exemplo, apresenta uma vertente objetiva (tangível, mensurável, pesável...), mas não se reduz a “objeto”. É na verdade, um “âmbito”. Pode ser medido, pesado, delimitado, mas ninguém é capaz de precisar quanto pode abarcar como ser humano, até onde vai sua influência sobre os outros e dos outros sobre ele, que amplitude tem sua vida ética, estética, religiosa.

Mesmo localizando o *ser-motricio* desde a materialidade vivida, onde são objetiváveis as estruturas biodinâmicas da corporeidade e o conjunto de conhecimentos técnicos específicos da ação criadora, o *ser-motricio* revelou-se uma complexidade não acessível tão só por métodos convencionais. No percurso desse estudo vamos apresentar a matriz compreensiva que orienta um acesso ao *ser-motricio*. Dessa matriz deriva uma referência para situá-lo num âmbito existencial dinâmico, o que promove uma aproximação compreensiva com os principais fundamentos da filosofia de Alfonso López Quintás (ALQ). Entre elas podemos citar a realidade ambital (âmbitos) ou realidade superobjetiva, uma dimensão transfiguradora

¹ Doutor em Educação pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP. Pesquisador em Motricidade Humana, Educação e Linguagens.

² SANTOS, S.O. O *ser-motricio*. **Revista International Studies on Law and Education**. Cemoroc/EDF-USP e Univ. do Porto, n° 27, setembro-dezembro de 2017, p. 37-48. Disponível em: <http://www.hottopos.com/isle27/37-48Sergio.pdf>

de caráter *lúdico-criador*, que tem semelhanças com o conceito de “práxis criadora”³, habitar autêntico do *ser-motricio*. Um “âmbito” é um campo de possibilidades de ação com sentido, dimensão de encontro autêntico onde surgem e são instaurados os valores (LÓPEZ QUINTÁS, 2016).

Para situar o *ser-motricio*: desafios de acesso e compreensão

Situar o *ser-motricio* não se trata de delimitar formas de localização de um ente na realidade espaço-temporal, mas criar outras referências para o ser compreender-se em situação dinâmica, ou seja, em ação diante do mundo. Conhecer-se e deixar-se reconhecer situado é levar em conta a ação desde sua vivência, onde estão as formas do ato propriamente dito, passando pelas dimensões do sentido, das relações e dos valores circunscritos num fluxo de múltiplos acontecimentos, ou melhor, numa dinâmica existencial histórica/cultural/ética/política/estética que sustenta um horizonte de mundo em que coabitamos.

Eis que o *ser-motricio* não é um fenômeno somente de realidade objetiva. Por isso, se desejamos atuar na educação de um ser que vive dinamicamente em distintos âmbitos de realidade, precisamos saber acessá-lo. Para López Quintás, o ser humano é dotado do ato de (re)configuração, pois supera a realidade objetiva promovendo e elevando suas ações para outros níveis. O *ser-motricio* passa a “ambitalizar” o tempo/espaço ao criar âmbito de interação, converter em espaços lúdicos os meros campos de interação física (LÓPEZ QUINTÁS, 1998, p. 271). “Ambitalizar” significa “hacer entrar en relación de entreveramiento a realidades que ya de por sí son ámbitos de realidad, centros de operación y autodespliegue, no meros objetos” (LÓPEZ QUINTÁS, 1998, p. 271).

É exatamente essa passagem transfiguradora que, ao desdobrar a materialidade vivida em dimensões de sentido, de relação e valor, inspirou situar o *ser-motricio*. Por aí perguntamos: Há possibilidades de entrelaçamento entre a matriz compreensiva do *ser-motricio* com as “realidades ambitais” proposta por ALQ? É possível uma expansão compreensiva para o *ser-motricio* a partir do conceito de “âmbitos”, especialmente nas dimensões do “sentido”, da “relação” e do “valor”? Não seria a condição ontológica do *ser-motricio* a essência da abertura do ser humano para as realidades “superobjetivas” (âmbitos)? Que implicações ou ressonâncias educativas podem advir dessas aproximações compreensivas?

O *ser-motricio* não é um ente que está distante do mundo, atuando a margem dele. É parte do próprio mundo porque nele age de modo co-implicado. Sua existência não é apenas biológica já que, consciente de sua carência e finitude, projeta-se na temporalidade e na espacialidade, faz mover-se como projeto. O corpo em ato não é um conjunto de movimentos unicamente utilitários, é um *vórtex* de fluxo contínuo onde o sentido está presente desde sua raiz mais profunda. O *ser-motricio* abre possibilidades de vida para dimensões novas, especialmente relacionais e valorativas, devido à magnífica capacidade de saber-se existente como corporeidade ativa e criadora. A ação criadora numa rede de entrelaçamento relacional, ao permitir a transfiguração de realidades, transfigura o próprio ser, isto é, “*autoposeerse al transcender es propio de un ser espiritual*” (LÓPEZ QUINTÁS, 2009, p. 225).

Situar o *ser-motricio* é abordá-lo numa vivência e interpretação que revele à dinâmica e o fluir da vida, desde sua materialidade corpórea entrelaçada com as múltiplas linguagens. Por isso nos aproximamos das manifestações vividas, onde

³ Práxis criadora é o caminho da realização onde o *ser-motricio* se posiciona, opina, escolhe, integra-se, comunica, apreende, explora a capacidade de imaginar mundos possíveis para sua existência. (SANTOS, 2016, p. 326)

procuramos compreender o mundo horizonte dos possíveis de ação. Tratamos de descrever o percebido, o observado e o sentido em cada dimensão da vivência, configurando assim um método que resultou na criação de uma matriz compreensiva e situacional para o *ser-motricio*.

Essa matriz compreensiva é dinâmica, integrando diversas intencionalidades e dimensões de realidade. Vejamos o exemplo: A ação de imaginar uma melodia dá ao *ser-motricio* acesso a um tipo de realidade distinta da ação de tocá-la com um instrumento musical. Pela materialidade da vivência, o ser realiza e realiza-se numa outra dimensão, que só tem sentido autêntico porque o *ser-motricio* transfigura a realidade objetiva devido à capacidade criadora de âmbitos, própria da imaginação e das múltiplas potencialidades linguísticas. Falar sobre a melodia imaginada abre outro nível de realidade diferente de narrar à própria experiência de tocar. E não para por aí, o *ser-motricio* segue transfigurando seus possíveis de ação segundo o conjunto de intencionalidades que aciona, movendo-se em realidades novas, como: escrevendo a melodia, integrando outros instrumentos, incorporando uma letra a melodia criando uma canção, associando a canção às dinâmicas da vida, etc. Em todas as situações seguem entrelaçados distintos e complementares campos de sentidos/sensíveis e sentidos/significados. E para tornar o fenômeno descrito mais efetivamente humano, consideramos que todo esse conjunto de possíveis de ação está assentado desde as percepções corpóreas mais profundas, passando por complexos sistemas de relação e valor.

A matriz compreensiva do *ser-motricio*

Nosso esforço compreensivo tem mostrado que o *ser-motricio* pode ser situado numa confluência de 4 dimensões ou campos que compreendem a essência de distintos feixes de intencionalidades, são elas: 1) A dimensão da manifestação do corpo na materialidade vivida e percebida; 2) A dimensão do sentido da ação; 3) A dimensão relacional; 4) A dimensão valorativa. Estas quatro dimensões inerentes à ação humana estão situadas numa esfera mais abrangente, portanto estão circunscritas numa situação histórica, política, cultural, ética e estética.

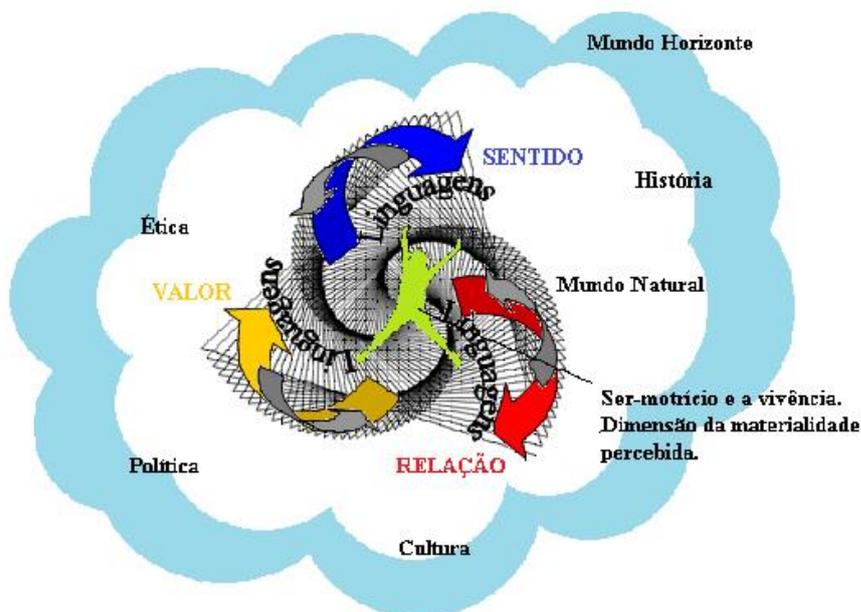


Figura 1 - *Ser-motricio* situado: matriz compreensiva de sentido, relação e valor.

Enquanto totalidade a motricidade humana resulta da combinação de diversos fatores que, por sua complexidade, permite uma diversidade de interpretações e compreensões. Aquilo que criamos revela um horizonte para situar o *ser-motricio* de modo dinâmico, por isso: “pensar globalmente a motricidade equivale a pensá-la como estrutura das estruturas, com dialética entre estruturas sincrônicas e diacrônicas” (SÉRGIO, 1985, p. 15).

A motricidade emergirá em plenitude para aqueles preparados para vivê-la de modo criativo, enxergando além dos limites da forma (sem desconsiderá-la) e dispostos a percorrer de modo consciente as dimensões de intencionalidade que constituem sua essência. Projetamos uma nova maneira de interpretar a ação humana, para atender ao desafio de desenvolvimento de horizontes capazes de auxiliar a compreensão do fenômeno com mais propriedade, para que se torne efetiva a práxis criadora nos moldes de um novo paradigma, permitindo observações que ampliem a visibilidade e as possibilidades de análise e, consecutivamente, novos caminhos por trilhar.

A vivência: materialidade sentida e percebida

A ação humana situa-se numa dimensão onde ocorrem os fenômenos diretamente ligados a materialidade sentida⁴ e percebida em vários atos intencionais, ou seja, onde as percepções espaço/tempo/causalidade podem ser apreendidas e realizadas concretamente como corporeidade não reflexiva e pré-reflexiva. É a dimensão da forma da ação. Podemos dizer que a vivência é um campo operativo e existencial que considera a percepção como unidade de interação situada e complicada. A concretude das vivências, proveniente do modo como nossa corporeidade percebe a realidade objetiva, sua natureza biodinâmica e sua complexidade pré-reflexiva formam o conjunto de elementos do fenômeno de estudo desta dimensão. De acordo com o corpo que percebe a materialidade vivida, são criadas distintas esferas de “realidade” em função de suas potencialidades de apreensão e transfiguração⁵. É o que se observa na diferenciação da ação humana, que devido à linguagem e a imaginação de possíveis, realiza-se em outros âmbitos, quanto relacionados ao movimento existencial de outros seres vivos não humanos.

Dentro dessa complexidade consideramos que a vivência é perceptível pelo campo visual, pelo tato, pela cinestesia, pelo olfato, pelo aroma, pela sensação de pressão, pela sonoridade captada pelo corpo, pela temperatura, etc. As estruturas perceptivas de nossa corporeidade configuram a realidade material da vivência. A vivência, como aponta Manuel Sérgio (1981, p. 47), é “o ato fundamental de conhecer, se não reflete o real, não poderá satisfazer as necessidades humanas e humanizantes; e se não se projetar, através da prática, no real, dificilmente manifestará intencionalidade”.

As intencionalidades do corpo biodinâmico possuem componentes estruturais neurofisiológicos e sensitivos que vão desde as atividades reflexas e involuntárias passando pela percepção, pela emoção, pelo sentimento e pela desejabilidade não consciente. Por outro lado, o conjunto dessas intencionalidades não está isolado da cultura. O corpo natural absorve a cultura e expressa seus modos compreensivos. A

⁴ Aqui ressaltamos que a palavra “sentida” indica que a materialidade vivida do corpo já percebe a realidade com sentido. A materialidade praticada em “vivo ato” é uma afecção sensível que já edifica-se com sentido, não é uma relação da percepção “cega” no mundo, portanto, o corpo já percebe a materialidade do ato com sentido. A apropriação do sensível vai se desdobrando em outras ordens. A linguagem potencializa o sentido daquilo que se vive para torna-lo comunicável numa dinâmica de confluência criadora, ou seja, uma disposição humana para a busca do sentido de modo pleno que entrelaça o sensível e o inteligível.

⁵ Cf. UEXKULL, J.V. **Dos animais e dos seres vivos**. Lisboa: Edições Livros do Brasil, sd.

partir daí emerge do corpo com intencionalidade natural a transposição do sentido/sensível para o sentido/significado, característica própria da ação humana. No corpo natural do *ser-motricio* a ação de “ver” passa a ação de “olhar”, de “ouvir” passa a “escutar”, de “tocar” passa a “acariciar”, de “cheirar” passa a “aromatizar”, de “gostar” passa a “degustar”, de “absorver” passa a “criar”⁶, portando ultrapassa o simples ato de “viver a circunstância” para habitar a “atmosfera da ação humana criadora”.

A vivência intencional natural representa a dimensão concreta da experiência do *ser-motricio*. A vivência materializada do ato intencional natural trata-se de uma dimensão primorosa e essencial. É nessa dimensão onde a captação perceptiva é mais intensa e direta. É na vivência onde é possível o *ser* colocar-se em *ato*, realizar-se para sentir-se. O corpo em ato concretiza a vivência através da corporeidade e, ao desdobrar-se, emerge a complexidade e a genialidade diante de nossas percepções. O corpo sente e sabe mais do que podemos explicar em palavras.

No entanto, como o *ser-motricio* é *ser-de-linguagens*, seu modo de habitar a criação não está delimitado somente na intencionalidade natural, uma vez que a corporeidade humana é de natureza transcendente. O corpo natural e suas intencionalidades, se desconectados do sentido/significado, do valor e da co-implicação, não preenchem a plenitude dos possíveis humanos, não criam horizontes para existir. Por isso, as intencionalidades do corpo natural se desdobram e transpõem a fronteira do que é empiricamente mensurável, permitindo que outras intencionalidades se edifiquem em comunhão com outras essências da ação humana, tendo a imaginação como um elo entre todas elas. As ações humanas possuem, além das intencionalidades do corpo natural, feixes de sentido/significado, valor e relação onde outras possibilidades são criadas, ampliando o modo existencial do *ser-motricio*. Por essa razão é que não podem ser apenas compreendidas pela exterioridade do ato, ou seja, sua forma.

Nesse passo, é na perspectiva de aproximação da matriz compreensiva do *ser-motricio* com o pensamento de ALQ que acreditamos ser possível esse trânsito criador, essa dinâmica fundadora de âmbitos e de novas configurações em realidades “superobjetivas”, considerando que a possível raiz dessa abertura é a própria condição ontológica do *ser-motricio*.

A figura 2 aponta esse possível enlace fenomenológico-hermenêutico do *ser-motricio* com as realidades ambiais.

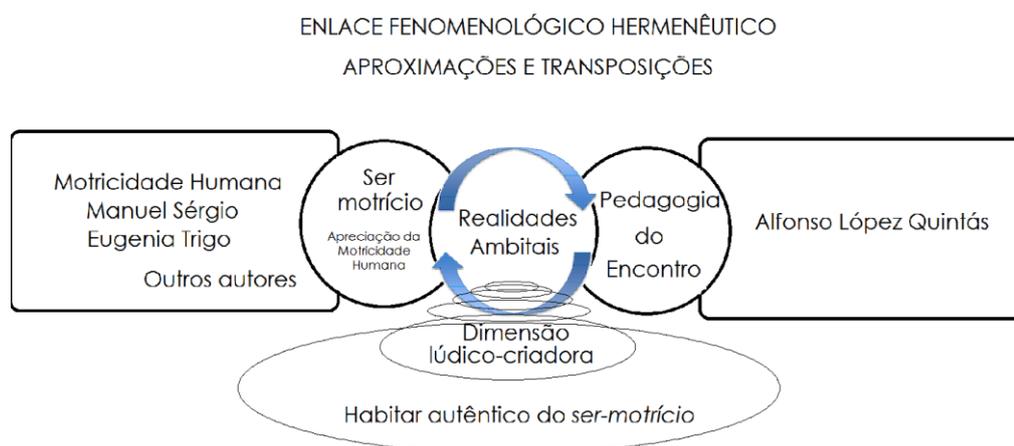


Figura 2 – *Ser-motricio* e as realidades ambiais

⁶ Para o aprofundamento desse tema indicamos a obra: LE BRETON, D. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

O sentido e a ação criadora

O sentido/significado, como intencionalidade criadora da ação, representa a dimensão da motricidade onde circulam os domínios subjetivos e imateriais, muitas vezes ignorados e pouco compreendidos pela dificuldade de acessá-los pelos métodos tradicionais da ciência clássica, tornando a compreensão reduzida ao “ato do fazer”. Para uma mesma ação pode ligar-se uma infinidade de intencionalidades e sentidos, pois “o Homem não vive num mundo de coisas, nem procede *more geometrico* – ele vive num mundo de significações” (SÉRGIO, 1985, p. 18).

Para compreender e interpretar a motricidade humana não basta apenas mensurar ou descrever aquilo que se realiza na dimensão materializável da ação. A essência da realidade imaterial e “invisível”, retratada e analisada na dimensão do sentido, surge a partir do entrelaçamento com as experiências vividas na materialidade objetivada. O *ser-motricio* não é um acontecimento corporal reduzido ao mundo físico como os demais objetos, já que é constituído de subjetividades como: determinação, intencionalidade, desejo, sentido e significado.

Como nos faz lembrar Josgrilberg (2013, p. 21): “O ser humano é um buscador/doador de sentido (aspecto da intencionalidade) e de superação, um ser aberto de possibilidades...”. Podemos afirmar que a natureza comum de nossa humanidade está na propensão para a interpretação, uma vez que somos seres capazes de produzir e captar sentidos, assim, devemos explorar o universo das significações. Na ação, o corpo humano percebe o si mesmo, o outro e o mundo com intencionalidade e sentido. Na práxis criadora, o sentido da ação reflete a dimensão do “invisível”, da essência. Como aponta López Quintás (2003, p.24):

Cada acción humana, si ha de tener sentido, debe contribuir a instaurar con el entorno formas de integración fecundas, modos de unidad no fusional sino “lúdica”. El hombre se distancia de lo real circundante para *entrar en juego* con él, no para alejarse.

Como *seres-motricios*, estamos dotados da possibilidade de conectar a ação e o sentido pela linguagem e imaginação. A passagem de um movimento reativo ou reflexo de um ente que se move para a revelação do *ser-motricio* situado, exige que o feixe de sentido/significado seja acionado em conjunto com a vivência. Daí resulta que: toda compreensão do *ser-motricio* que destituir o seu ontológico entrelaçamento ação/sentido/linguagens, reduz os atos interpretativos à habilidade de execução. A execução é parte de uma dimensão existencial muito mais ampla que precisa ser explorada nos atos educativos.

Como exemplo, podemos imaginar uma corrida que vai ser realizada entre três pessoas: o deficiente físico, o não atleta e o atleta. Pelo paradigma corrente ambos percorreriam uma determinada distância e seriam comparados pela velocidade cronometrada, seguido de um processo de classificação. Na concepção que defendemos, a proposta educativa da corrida das três distintas corporeidades exploraria os sentidos e narrativas provenientes da vivência de correr. Escolheríamos a distância em que cada qual poderia correr com o melhor de si. Eles realizariam a corrida diversas vezes, desde que, no agir, vivenciassem a totalidade de suas possibilidades. A corrida poderia ser feita sozinho ou com os outros participantes, assim como em forma de jogos. Poderíamos criar outros modos e intencionalidades sobre o ato de correr. As experiências seriam então registradas em fotos, vídeos, relatos escritos e orais, desenhos, entrevistas e diálogos. Não adotaríamos só a cronometragem das vivências das corridas como única referência valorativa, mas

também as possibilidades narrativas dos corredores, procurando responder a perguntas: Como é correr sozinho? Como é correr com o outro, sabendo que os participantes têm velocidades diferentes por conta dos corpos distintos? O que o ato de correr me proporciona? Há somente uma intencionalidade para o ato de correr? Ao trio, ou a cada um deles individualmente, poderíamos propor a edição de um vídeo com uma duração máxima estipulada (30 segundos), em que seja possível narrar a vivência explorando as múltiplas linguagens como a foto, desenhos, texto, a música, etc., para criar uma dinâmica de entrelaçamento expressivo. Uma vez editados, os vídeos seriam apreciados pelos participantes e alimentariam a interpretação das novas possibilidades de experimentação do ato de correr.

Esse é um exemplo de como a ação educativa pode alterar o sentido, o valor e relação da vivência. Vale ressaltar que o processo de criação de sentido/significado de determinada ação, ocorre de acordo com o *mundo próprio* de cada um⁷. O sentido do *ser-motricio* é encontrado, por exemplo, nas narrativas pelas quais a intencionalidade emerge. O discurso se configura por múltiplas linguagens, portanto, para chegar ao sentido temos que considerar o *ser-motricio* como *ser-de-linguagens*. As múltiplas linguagens revelam o sentido do corpo em ato cujo acesso é interpretativo. O sentido, para López Quintás (2003, p. 51) é relacional, só se revela quando a ação contempla uma trama de conexões com a realidade de entorno. Segue o autor afirmando que, por ser relacional, o sentido é mutável, portanto não pode ser constituído estaticamente, como um objeto, “lo adquiere y posee *dinamicamente*, al entrar en relación creadora con otras realidades” (LÓPEZ QUINTÁS, 2003, p. 52).

A dimensão relacional

A ação humana situa-se, como um fractal, num ambiente de relações e implicações. As suas formas e sentidos de impressão/expressão, edificadas pelas vivências, correspondem a espaços de diálogos efetivos com o si mesmo, com o outro e com o mundo. Desde as primeiras relações *mãe-filho-ambiente*, até as mais complexas relações observadas em diferentes ações humanas formadoras da humanização, o *ser-motricio* revela-se co-implicado. Essa compreensão dialoga com a ideia de “ser-de-encontro” apresentada por López Quintás (2003, p. 26):

El encuentro se produce cuando se entreveran dos realidades que superan la condición de meros objetos. Un objeto es una realidad mensurable, asible, delimitable, pesable, localizable en tempo y espacio. Una persona, debido a su vertiente corpórea, presenta estas condiciones, pero las desdobra ampliamente. Cada persona abarca cierto campo: influye sobre los demás y recibe el influjo de otros, realiza experiencias estéticas, éticas, amorosas, religiosas (...).

López Quintás (2005, p. 24) aponta que “encontrar-se” não significa “estar ao lado” como meros objetos, mas “entrar em jogo para promover um enriquecimento mútuo”, o que significa que o autêntico encontro só é possível entre “âmbitos de vida, centros de iniciativa e fontes de possibilidades” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.125). Na motricidade humana “há uma passagem da filosofia do *ser* e do *logos* para uma filosofia do *ato* e da *relação*. A motricidade humana ensina que o ser humano é fundamentalmente relação, no ato (ou no movimento intencional) da transcendência” (SÉRGIO, 2013, p. 78). A relação dos *seres-motricios* é mais um entrelaçamento da

⁷ Cf. HIGASHIDA, N. **O que me faz pular**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

ação e do sentido, e nele são constituídos os processos de significação e valoração das ações pelos seres de convívio. Os *seres-motricios*, vão constituindo uns aos outros na relação como o mundo comum e os muitos mundos formados, “uma proximidade lúdica, uma relação de jogo criador ou de intercâmbio ativo de possibilidades” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p.125).

Partimos do princípio de que a dimensão relacional é a revelação da condição co-implicada. As ações humanas representam uma fonte inesgotável de experiências dialógicas que pressupõem processos mais ou menos humanizantes, conforme se estruturam as vivências intersubjetivas. E por tomar a intersubjetividade como um dos pilares da motricidade humana, compreendida como intencionalidade relacional, adotamos a perspectiva de compreensão de Merleau-Ponty frente ao erro da relação Ego – Alter Ego que praticamente domina o pensamento da modernidade, e onde se assenta grande parte das estruturas educativas da atualidade.

Como nos mostra Marina Garcés (2008, p. 135), o ponto chave que M. Ponty apresenta sobre o problema da intersubjetividade é que ele rompe com a raiz do problema de um “outro diante de mim”. Há, segundo defende M. Ponty, um erro de colocação do problema inicial e é necessário modificar a pergunta, o que significa sair da “armadilha” do outro colocado diante de mim. Isso implica em mudar o ponto de vista e, desse modo, considerar uma dimensão relacional para o *seres-motricios* onde o eu é posto no plural. Assim Marina Garcés (2008, p. 136) entende que a intersubjetividade na obra de M. Ponty, não se constitui como um acesso ao outro, mas considera, de princípio, a co-implicação de um “nós”. A questão não é solucionar o problema de uma consciência frente à outra, mas, a partir do sensível e da corporeidade, compreender como que me reconheço como parte de um “nós”, i.e.; “quando aprendo a experimentar nossa co-implicação em um mundo comum” (GARCÉS, 2008, p. 136).

A dimensão relacional tem como base três componentes fundamentais para situar o *ser-motricio* no âmbito da práxis criadora: 1) A premissa de sua condição de inacabamento permanente, de um ser que está por fazer-se, por que *ser-motricio* é a expressão da busca incessante de constituir-se, portanto, necessita criar o si mesmo; 2) Que a complementaridade não se dá pelo próprio *ser-motricio*, ou seja; ele não é capaz de prover todo o necessário para que se complete, desde suas carências biofisiológicas até seus desdobramentos culturais, necessitando criar interações; 3) Por sua ontológica condição de buscar a completude naquilo que não pode encerrar-se em si mesmo é, por princípio, co-implicado.

Porque a relação revela a implicação com o si mesmo, com o outro e com o mundo circundante, impõe-se ao *ser-motricio* uma ordenação ética de seus atos. A compreensão ontológica do seu estado co-implicado faz da ética uma dimensão inseparável de suas ações. A ação humana já pressupõe uma ética de primeira ordem, uma ética mais orgânica, mais ligada ao cotidiano da vida, menos determinada pela racionalidade. Cabe ao *ser-motricio* ter consciência disso a partir da educação que receber.

No entrelaçamento das relações, e como desdobramento delas a partir da ética implícita na ação, edificam-se os valores tomados como “modos elevados de unidade” que devem ser assumidos ativamente, uma vez que “os valores não só existem, mas querem ser realizados por nós” (LÓPEZ QUINTÁS, 2016, p. 12-15).

A dimensão valorativa

O valor e a validação⁸ são criações humanas. Em parte, a dimensão valorativa torna possível compreender a relação da formação da identidade do *ser-motricio* que, pode adquirir amplitude pelo modo como é reconhecido pelos elementos constitutivos desse feixe compreensivo. Claro que a delimitação do valor reconhecido por um conjunto de ações é uma formulação humana, portanto, é extensão do sentido da ação que também é inseparável da intencionalidade valorativa. Vamos observando que: na vivência intencional do ato natural vão se entrelaçando outros feixes de intencionalidade (sentido, relação, valor) que ajudam a situar o *ser-motricio* como práxis criadora.

A dimensão valorativa não é uma dimensão isolada que possa ser extraída da realidade e da experiência do *ser-motricio*. Os valores, distante daquilo que se compreende pelo objetivismo estático, são constituídos a partir de realidades relacionais regidas pela lógica da participação em “âmbitos” de interação criadora (LÓPEZ QUINTÁS, 2016), ou seja, os valores são desdobramentos da participação ativa do *ser-motricio* em dimensões relacionais. No estudo desse campo e suas possíveis interconexões, o foco de análise, de compreensão e interpretação gira em torno de como o *ser-motricio* dialoga com as validações e valores que contribuem na formação do sentido que dá as ações. Pertencem a esse feixe todo tipo de atribuição de valor que descreve a natureza co-implicada dos *seres-motricios* que interatuam com distintos gradientes de reciprocidade, alteridade, interlocução ou dialogicidade nas experiências vividas. O *ser-motricio* vive as unidades valorativas por onde percorre o espaço-tempo experienciado. Buscar a essência do processo de valoração e validação das ações interligando-as com o sentido e a co-implicação, torna-se um fundamento fenomenológico-hermenêutico de eminentes potenciais de compreensão.

O modelo vigente e hegemônico tende a promover referências valorativas para as ações humanas assentadas no individualismo, na luta por reconhecimento e pertencimento, na exaltação do “potente” frente aos milhares de “impotentes”, de uma visão unificadora em detrimento da diversidade, na posse de objetos e poderes da supremacia da ação produtiva frente à ludicidade e a expressão estética. As intencionalidades valorativas seguem criando distintos potenciais e gradientes de orientações para a identidade do *ser-motricio*.

As delimitações criadas para distinguir o que é bom e do que é ruim, o que é válido ou não, o que é feio ou bonito, o que tem ressonância com os padrões culturais ou não, o que merece receber condecorações e o que fica excluído das referências valorativas, precisam tornar-se evidentes quando estamos nos referindo às ações humanas. Uma coisa é comparar objetos para classificar qual é mais útil o qual tem melhor desempenho para uma tarefa específica, estabelecendo referências e critérios de demarcação de qualidade. Outra coisa é utilizar esse mesmo método para valorar o *ser-motricio*. Os humanos são ativos, fenomenológicos e vivem em constante modificação. Criam ações e sentidos, são potencialmente linguísticos e imaginativos, projetam seus possíveis na temporalidade e espacialidade, possuem constituintes subjetivos e intersubjetivos, habitam uma rede complexa de relações e intencionalidades transcendentais. Devemos “estar muito atentos para não analisar as várias ações, acontecimentos e realidades que desempenham um papel na vida humana

⁸ É importante fazer uma distinção entre o valor e a validação. Nem todo valor entrelaçado à ação é validado por outro conjunto de ações. É o caso do esporte que mantém uma série de valores éticos vinculados as vivências mais que, diante do processo validativo da competição, não são contemplados, já que o que é concretamente validado é o resultado final da disputa. No caso da educação, observamos que os valores humanos destacados nos planos educativos não são validados nos testes estandardizados. É muito importante fixar-se na interpretação desse fenômeno para revelar suas contradições.

com o mesmo método, sobretudo se este foi elaborado para conhecer meros objetos e meros fatos” (LÓPEZ QUINTÁS, 2004, p. 81). A demarcação valorativa de uma ação humana é apenas um recorte de uma situação num momento do tempo. É parte de um ciclo em constante mutação e que depende fortemente da compreensão da condição situada. O que não podemos mais negar é a presença dessa dimensão, implícita no *ser-motricio*. Não há mais como ignorá-la diante da tarefa de situar, compreender e interpretar as vivências educativas. Não há como desconsiderar que, no âmbito da ação criadora onde o *ser-motricio* habita, também se criam valores e validações. É necessário um olhar cuidadoso sobre essa dimensão para compor referências educativas coerentes com o paradigma emergente da motricidade humana.

A dimensão valorativa é, assim como outras dimensões da ação criadora, a portadora de uma condição de mediação para o *ser-motricio*. Nesse sentido a dimensão valorativa está mais fortemente vinculada à dimensão relacional. Isso porque são os seres humanos que criam as estruturas que orientam o campo valorativo. O valor não é dimensão da intencionalidade natural objetiva. É o veiculador das criações culturais da motricidade. Assim, o sentido/significado e o valor são intencionalidades particulares da ação humana. Não se observa a existência dessas intencionalidades em outros seres viventes.

As realidades ambiais revelam a natureza relacional do ser humano e onde o encontro com o valor é possível, onde os valores são chamados a serem vividos ativamente:

... o valor se nosso desenvolvimento pessoal – é o encontro, ou para dizer de outro modo, é a criação de modos elevados de unidade. *Acabamos de descobrir o ideal de nossa vida, que é o ideal de unidade. O ideal não é simples ideia; é uma ideia motriz, dinamizadora, transformadora.* (LÓPEZ QUINTÁS, 2016, p. 12). *Grifo nosso*

Os valores não só existem, se fazem valer. As realidades ambiais invocam a capacidade ficcional⁹ do *ser-motricio* e são criadas por suas ações.

A práxis criadora e a dimensão histórico, cultural e política

A motricidade humana, ao contrário dos resultados obtidos via ciências naturais, não está isolada da historicidade. É importante considerar que o *ser-motricio* vibra na “onda” da historicidade de si mesmo e na relação com a historicidade do mundo em que vive. Agir é poder exercer possíveis. Exercer possíveis é ato criador e político do corpo em sua totalidade existencial, pois indica posicionamento diante do mundo da vida. Vale considerar também que, pela interatuação do *ser-motricio* com o mundo a partir da intencionalidade criadora, se autoforma, participa da historicidade do mundo e se identifica imerso nela. Toda ação humana ocorre em determinado período histórico-cultural e a motricidade é parte desse processo, assim, está sujeita a planos mais amplos da ação social não podendo isolar-se dela. Observamos nessa interatuação, com frequência, os jogos de poder em torno das vivências. Assim esse campo também contempla a interpretação das políticas relativas à motricidade, pois, “de esto hablamos en la motricidad, como ciência ético-política, es nuestro compromiso con la história, con las personas que están tratando de comprenderse, comprender y abrirse nuevos caminos” (TRIGO; MONTROYA, 2009, p. 50).

⁹ O caráter ficcional da ação humana refere-se ao sentido de transfiguração e criação. Segundo Josgrilberg (2012, p. 9), o verbo *finjo, is, finxi, fingere*, traduz esse potencial de “fazer transformador onde o ato de fazer transfigura aquilo que toca...”. Essa compreensão permite conexões com o conceito de “âmbitos” de López Quintás.

As vivências como manifestações apreensivas/expressivas do *ser-motricio*, quando observados numa dimensão histórico-cultural-político-ética-estética revelam a interdependência da motricidade humana com os contextos sociais em que se está instalada. Os esportes e as artes, por exemplo, são fenômenos sociais que não estão livres das influências e interesses políticos e econômicos em todas suas instâncias, mesmo para aqueles que não as exercem efetivamente, e que se posicionam apenas como espectadores. Aqueles que observam as ações artísticas e esportivas não estão politicamente neutros.

Do ponto de vista da educação, se não colocarmos em questionamento as desigualdades sociais a partir das vivências do *ser-motricio*, estaremos sendo cúmplices da reprodução dessas mesmas desigualdades. Não se trata somente de interpretar a motricidade humana, temos que torná-la referente desde a vivência, de “sentir na pele”, para transformá-la em processos socialmente, culturalmente e historicamente mais humanizantes. A práxis criadora, circunscrita desde o mundo natural até as dimensões histórico-política-cultural-ética-estética, permite a emergência da reestruturação do entorno imediato direcionando esforços para um novo sistema de convívio interhumano e das suas instituições.

Para exemplificar, alertamos para a crescente padronização das formas motricias em detrimento da sua diversidade e modo de expressão da cultura local, que criam modos de responder as emergências de sua realidade vivida. A hegemonia dos padrões dos modos de ação, em grande parte influenciada por um direcionamento das intencionalidades humanas por manipulação midiática, se destina ao controle dos corpos e a construção de uma imagem do si mesmo reduzida a horizontes de rendimento e consumo. Assim a ação tende a privilegiar as demandas inautênticas para favorecer interesses específicos de grupos hegemônicos. Os grupos hegemônicos criam seus processos valorativos determinando o que é válido e o que não é. A ação criadora fica subordinada ao conjunto de esquemas articuladores que negam o conhecimento humano desde sua experiência vivida, desde a corporeidade, desde a percepção e a consciência de sua co-implicação. Em grande parte o ato criador é reduzido ao mínimo, quando não é “congelado”. O *ser-motricio* é “manipulado” pela força das mídias massificantes, que geram um tipo próprio de ação “previsível”. Esse conjunto dinâmico vai construindo o processo histórico das ações. Compreendê-lo e interpretá-lo é uma das tarefas do apreciador da motricidade humana.

Considerações finais

A matriz compreensiva do *ser-motricio* permite situá-lo dinamicamente no mundo da vida. Cada singular dimensão dessa matriz integra-se umas às outras num fluxo dinâmico de apreensão e expressão, permitindo ampliar a ideia de “âmbito” proposta por López Quintás. Por outro lado, a riqueza do pensamento desse autor também promove uma maior compreensão do próprio fenômeno do *ser-motricio*. Portanto, consideramos que o enlace fenomenológico-hermenêutico não é somente possível como permitirá muitos outros desdobramentos ainda não contemplados, especialmente se nos dedicarmos a estudar as ressonâncias desse enlace com as proposições educativas.

Referências

GARCÉS, M. Anonimato y subjetividad. Una lectura de Merleau Ponty. **Daimon – Revista Internacional de Filosofía**, nº 44, 2008, p. 133-142. Disponível em: <http://revistas.um.es/daimon/article/view/96441/116941>

- HIGASHIDA, N. **O que me faz pular**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.
- JOSGRILBERG, R. Da formação de mundos à imaginação educadora. *Revista Notandum*, Cemoroc-Feusp / IJI –Univers. do Porto, n.30, setembro-dezembro de 2012, p. 05-16. Disponível em: <http://www.hottopos.com/notand30/05-16Rui.pdf>
- _____. Vivência filosófica e espiritualidade cristã em Edith Stein. **Revista Notandum**, Cemoroc-Feusp / IJI –Univers. do Porto, n.33, setembro-dezembro de 2013, p. 13-22. Disponível em: <http://hottopos.com/notand33/13-22Rui.pdf>
- LE BRETON, D. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- LÓPEZ QUINTÁS, A. **Estética de la creatividad: juego, arte, literatura**. Madrid: Ediciones RIALP, 1998.
- _____. **La cultura y el sentido de la vida**. Madrid: Ediciones RIALP, 2003.
- _____. **Inteligência criativa: descoberta pessoal de valores**. São Paulo: Paulinas, 2004.
- _____. **Descobrir a grandeza da vida: introdução à pedagogia do encontro**. São Paulo: ESDC, 2005.
- _____. La antropologia relacional-dialógica de Romano Guardini. **Revista VERITAS**, v. IV, n. 21, p. 219-244, 2009. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/2911/291122930001.pdf>
- _____. **La novena sinfonia de Beethoven**. Madrid: Ediciones RIALP, 2015.
- _____. **O conhecimento dos valores: introdução metodológica**. São Paulo: É Realizações, 2016.
- SANTOS, S.O. A educação do *ser-motricio* e a práxis criadora. **Tese de doutorado**. UMESP – Universidade Metodista de São Paulo, 2016. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/1590/2/SergioSantos.pdf>
- _____. O *ser-motricio*. **Revista International Studies on Law and Education**. Cemoroc/EDF- USP e Univ. do Porto, nº 27, setembro-dezembro de 2017, p. 37-48. Disponível em: <http://www.hottopos.com/isle27/37-48Sergio.pdf>
- SÉRGIO, M. **Filosofia das actividades corporais**. Lisboa: Compedium, 1981.
- _____. **Ciência da Motricidade Humana: uma investigação epistemológica**. Rio de Janeiro: Palestra Edições Desportiva, 1985.
- _____. **As lições de Manuel Sérgio**. Primebooks, 2013.
- TRIGO, E.; MONTOYA, H. **Motricidad humana: política, teoría y vivencias**. España-Colombia: Instituto Internacional del Saber – Colección Léeme, nº03, 2009.
- UEXKULL, J.V. **Dos animais e dos seres vivos**. Lisboa: Edições Livros do Brasil, sd.

Recebido para publicação em 12-09-17; aceito em 08-10-17